

SAÚDE MENTAL E ADOECIMENTO PSÍQUICO EM JOVENS UNIVERSITÁRIOS

Fabrizio Duim Rufato¹
Geovane dos Santos da Rocha²
Elisabeth Rossetto³
Nandra Martins Soares⁴

RESUMO

A partir de 2001, com a publicação do *Relatório Mundial de Saúde Mental: nova concepção, nova esperança*, a Organização Mundial de Saúde (OMS) passou a indicar sérias preocupações acerca do adoecimento psíquico da população mundial. Relata-se nesse documento que o suicídio é uma das principais causas de mortes em jovens de 15 a 29 anos, e que devemos atentarmos ao aspecto biopsicossocial para planejamento de novas intervenções na promoção da saúde mental. De acordo com levantamento nacional de álcool e drogas (LENAD), houve um aumento, nos últimos anos, do uso de álcool e substâncias psicoativas ilícitas em jovens brasileiros, bem como o aumento do uso de psicotrópicos neste público. À vista disso, este estudo, de cunho teórico, buscou produções dos últimos cinco anos nos periódicos *SciELO* e *BDTD* que abordassem o tema da saúde mental para estudantes universitários. A busca se deu a partir dos preditores: saúde mental; universitários e adoecimento psíquico. Os estudos encontrados ressaltam o aumento dos sintomas de ansiedade e depressão em jovens acadêmicos, o aumento do uso de medicalização e de ideação suicida. Espera-se com a discussão levantada chamar-se a atenção no campo universitário da necessidade de se criar projetos de atendimento em situação de crise e políticas internas para prevenção e promoção de saúde mental.

Palavras-chave: Saúde Mental; Universitários; Adoecimento Psíquico.

INTRODUÇÃO

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), o adoecimento psíquico tem se tornado cada vez mais preocupante na questão de saúde no mundo. A entidade relata que cerca de 1% do PIB de cada país é destinado a tratamentos e afastamentos de pessoas acometidas por transtornos mentais. Assim, a OMS em 2001 – a partir do Relatório Mundial de Saúde: *Saúde Mental: nova concepção, nova*

¹ Doutorando do Curso de Pós-Graduação strictu sensu em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - PR, fabrizio-rufato@hotmail.com;

² Mestrando do Curso de Pós-Graduação strictu sensu em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – PR, geovanesrocha@outlook.com;

³ Doutora em Educação, Docente do Curso de Pós-Graduação strictu sensu em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – PR, erossetto2013@gmail.com

⁴ Doutoranda do Curso de Pós-Graduação strictu sensu em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – PR, nandrasoares@yahoo.com.br

esperança – ressalva a importância das políticas públicas olharem para a necessidade da prevenção em saúde mental.

O relatório destaca a preocupação com o crescente número de transtornos mentais e dos índices de suicídio. Tanto que o relatório dedica boa parte de suas páginas em defesa aos direitos humanos e às consequências deletérias do estigma em saúde mental. Alerta também que a depressão em cerca de 20 anos se tornará a principal causa de incapacitação laboral, e que por essa razão deveríamos, como sociedade, voltar nossos olhares e esforços para superar tal situação (NEVES et al, 2020).

Todavia, ao longo do texto a dimensão econômica ganha destaque, sendo que a OMS (2001) alude dados quantitativos que representam o quanto os custos sociais da incapacitação advinda dos transtornos mentais têm efeito direto nos impactos da capacidade produtiva de uma nação. Deixa subentendido que a preocupação está na produção, ou seja, a necessidade de tratar a saúde mental não está somente nas questões do sofrimento humano, mas também, e talvez até mais importante, na capacidade produtiva dos sujeitos.

A adolescência e os primeiros anos da vida adulta são uma época de diversas mudanças em vários âmbitos da vida, por exemplo, mudar de escola, iniciar uma graduação, desprender-se afetivamente da família e sair de casa, iniciar no mercado de trabalho, entre outras coisas. Para muitos esses momentos são vividos de forma turbulenta, com fortes emoções, insegurança e apreensão do futuro que se não forem reconhecidos e gerenciados, esses sentimentos podem levar ao adoecimento mental. O uso frequente de tecnologias on-line traz benefícios que facilitam as relações sociais, porém podem trazer pressões adicionais, pois a medida que aumenta a conectividade faz o sujeito ficar ligado a estímulos dia e noite, levando à exaustão. Além de que muitos jovens estão vivendo em áreas afetadas por emergências humanitárias, como conflitos socioeconômicos, desastres naturais e epidemias. Atípico, como no momento atual em que o mundo vem passando por uma transição de comportamentos sociais devido a pandemia do Covid-19 que já levou a óbito milhares de pessoas. Tudo isso aumenta a vulnerabilidade do jovem adquirir problemas e doenças mentais.

De acordo com a OMS (2017), metade das doenças mentais começa aos 14 anos, porém a maioria dos casos não são detectados nem tratados. Em termos de doenças em jovens e adolescentes, a depressão é a terceira causa principal. O suicídio é a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos, estando atrás apenas

da primeira causa que é acidentes de trânsito e violência. Além de que nessa população aumenta-se o risco de uso e abuso de álcool e drogas ilícitas e que pode levar a comportamentos de risco, como sexo inseguro, direção perigosa e criminalidade. Também os transtornos alimentares devem ser levados em consideração entre os jovens, como anorexia, bulimia e obesidade.

De acordo com o novo *Atlas de Saúde Mental* da OMS (2017), ao longo da vida uma em cada dez pessoas precisará de cuidados em saúde mental. Porém, se depender do ritmo de investimentos públicos nesse setor, muitos dos sujeitos que necessitam de atendimento em saúde mental não terão acesso aos serviços e profissionais que necessitam. A publicação defende ainda a criação de dispositivos como clínicas baseadas nas comunidades para universalizar atendimentos nesse sentido.

Segundo Moraes et al (2012), há um crescente aumento de psicopatologias em crianças, adolescentes e jovens nos últimos anos, sendo que muitos não possuem tratamento adequado e nem sequer um diagnóstico. Na América Latina, as taxas de prevalência de problemas de saúde mental variam de 15 a 21% para amostras probabilísticas de crianças e adolescentes. No Brasil as pesquisas voltadas para a saúde mental de jovens ainda são escassas, havendo um crescimento de estudos nessa área recentemente devido aos problemas sociais que essa demanda tem causado.

Todavia, no Brasil há diversos estudos que contemplam o aumento do uso de drogas e consumo de bebidas alcoólicas entre os jovens e adolescentes. De acordo com informações do Sistema Único de Saúde (DATASUS), estas revelam que em 2012 foram gastos cerca de R\$60 milhões com tratamentos para pessoas dependentes de bebidas alcoólicas, além de enfatizar que é comum o uso recreativo de álcool entre jovens menores de 18 anos – mesmo com a venda proibida em todo o país. Também as informações da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PENSE) indicaram que 9,9% dos jovens entrevistados nas capitais brasileiras e que frequentavam o nono ano escolar em 2012, já experimentaram algum tipo de droga ilícita, como maconha, cocaína, crack, entre outros. Em comparação, em 2009 esta proporção foi de 8,7% (BECKER, 2017).

Podemos considerar que os problemas acrescidos no Brasil em relação ao uso de álcool e outras drogas está estreitamente relacionado aos aspectos sociais atuais que formalizam uma sociedade jovem perdida dentro das barreiras e infortúnios para se consolidar na vida adulta. Neste contexto, percebe-se cada vez mais o abuso no uso de certas substâncias, assim como a adoção de medicamentos como uma maneira de

enfrentar as dificuldades. Fato este que a indústria farmacêutica e a falta de políticas públicas contribuem para essa crise social e humana.

O aspecto mais relevante para falar da saúde mental de uma forma geral é sair da visão de um modelo biomédico para um modelo biopsicossocial, que considera os fatores biológicos, psicológicos e sociais. Este aspecto exige uma discussão complexa sobre o tema, onde devemos atentarmos não às condições apenas biológicas do sujeito, mas às demais variáveis que influenciam o adoecimento mental. Essas variáveis estão ligadas as condições de vida, modelo político-econômico vigente, relações familiares e com o mercado de trabalho, relações interpessoais e oportunidades de vida.

No espaço universitário, atualmente, deparamo-nos com condições de saúde mental dos jovens estremecidas, devido diversas variáveis que a instituição de ensino não consegue avaliar como um todo. Há poucos programas de atendimento ao adoecimento psíquico nas universidades, bem como poucos trabalhos de promoção e prevenção em saúde mental. A dificuldade se dá pelo paradigma biopsicossocial que é um aspecto complexo de articular políticas públicas.

Sendo assim, este estudo buscou de forma sistematizada estudos dos últimos cinco anos (2016 a 2021) que abordem o tema da saúde mental para estudantes universitários. Utilizou-se dos preditores: saúde mental; universitários; e adoecimento psíquico em bases de periódicos brasileiros. Encontrou cerca de 300 artigos e que ao final foram selecionados 31 estudos que se aproximavam do tema investigado. Os resultados mostram a prevalência de adoecimento psíquico em jovens universitários, a medicalização excessiva neste público e a necessidade de se pensar em novos tipos de intervenção em saúde mental.

METODOLOGIA

Com o intuito de verificar as produções *stricto sensu* e produções já existentes nos últimos anos (2016 a 2021) a partir do tema proposto neste estudo, efetuamos uma busca de trabalhos disponibilizados na base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no SCIELO sobre a saúde mental de jovens universitários. Cabe mencionar que verificar e estudar as referências bibliográficas (teses, dissertações, artigos, etc.) que já se tornaram públicas em relação ao tema estudado proporciona, de acordo com Marconi e Lakatos (2003), uma maior

compreensão sobre o assunto, além de ilustrar como estão o desenvolvimento dos estudos na área.

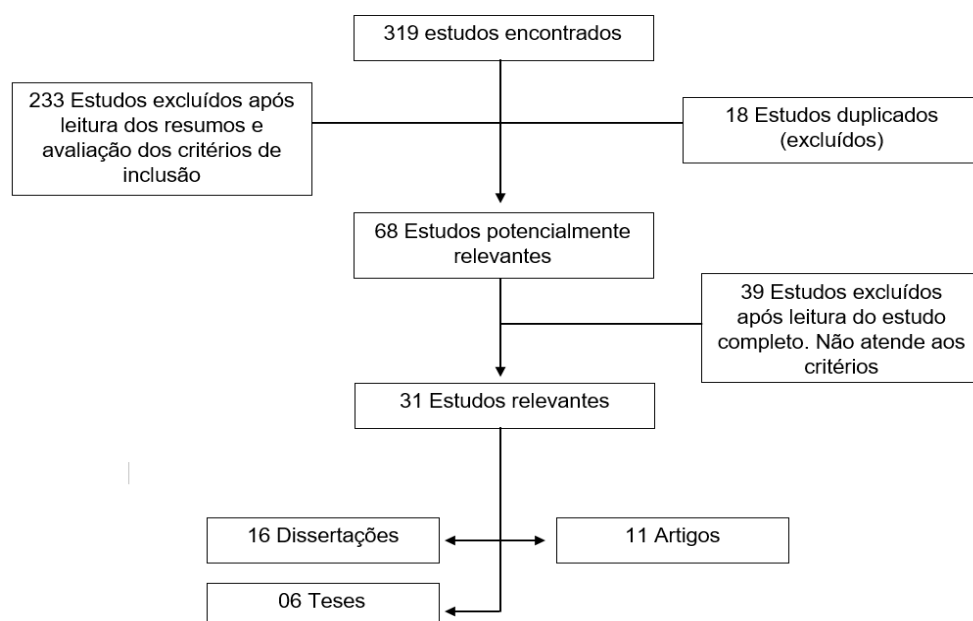
RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca ocorreu no mês de agosto de 2021, tendo-nos utilizado dos seguintes descritores: “saúde mental” *and* “universitários” *and* adoecimento psíquico, abrangendo pesquisas das áreas de concentração Psicologia e Educação.

Todavia, a busca de produções relacionadas ao tema retornou cerca de 300 estudos, sendo descartados alguns estudos por duplicidade e mais de 200 trabalhos que não correspondiam à perspectiva investigada – estudos que envolvam a saúde mental e o adoecimento psíquico de jovens universitários. Muitos dos trabalhos descartados estavam relacionados à saúde mental de pacientes psiquiátricos, programas psicossociais a pessoas com algum tipo de transtorno mental e ao adoecimento do professor universitário.

Restaram 68 trabalhos potencialmente relevantes, porém após leitura do texto na íntegra foram descartados os trabalhos que não condiziam de forma clara com a perspectiva pesquisada. Ao final, sobraram 33 estudos, sendo 16 dissertações, seis teses e 11 artigos. Os resultados desse procedimento estão descritos no fluxograma abaixo.

Figura 1. Fluxograma da revisão.



Fonte: o autor.

A partir dos trabalhos selecionados, destacamos três produções que mais se aproximaram do nosso objeto de investigação. A primeira trata da dissertação de Rafael de Mesquita Ferreira Freitas (2019), *Uma multidão de pessoas só: narrativas de adoecimento e acolhimento na universidade, a partir de grupos terapêuticos*, que teve como objetivo mostrar fatores que contribuem para o adoecimento dos universitários e de que forma a atuação de grupos terapêuticos agem sobre o sofrimento vivido. Através das narrativas de sujeitos inseridos em um grupo terapêutico, o autor identificou que uma identidade congelada de estudante, fundamentada em um perfil adepto ao capitalismo impede a transformação da identidade dos alunos, ou seja, deixa-se de reconhecer as reais demandas e potencialidades do sujeito no decorrer de sua trajetória.

A tese de Julia Chamusca Chagas (2018), *Atuação da psicologia escolar frente à patologização e medicalização da educação superior*, objetivou-se a atuação do profissional de psicologia do ensino superior ao processo de patologização e medicalização de jovens. A autora critica a naturalização desse processo, pois engloba o reducionismo das explicações sobre dificuldades de escolarização por meio de características individuais, ocultando elementos ontogênicos como o social, histórico, político e pedagógicos. Também ressalva que as práticas voltadas à saúde mental de universitários se implica em atendimentos individualizados, na qual apenas responsabiliza o estudante de suas dificuldades de vida, sem considerar a importância de todo o sistema como contribuinte do adoecimento.

Também foi construída uma proposta de atuação ao psicólogo escolar frente à patologização e medicalização da educação superior pela valorização da diversidade do desenvolvimento humano. Ressalta que essa ideologia individualista leva ao sucateamento das universidades brasileiras devido à dissimulação das reais causas do fracasso acadêmico, além de que o processo de enfrentamento deve ser baseado nos princípios do livre pensamento, da inovação e na experimentação em uma comunidade democrática e solidária (CHAGAS, 2018).

O terceiro trabalho que mais se aproxima do nosso tema de estudo é a dissertação de Deise Coelho de Souza (2017), *Condições emocionais de estudantes universitários: estresse, depressão, ansiedade, solidão e suporte social*, que teve por objetivo descrever o perfil sociodemográfico de universitários, avaliando o suporte

social e a presença de sintomas de estresse, depressão, ansiedade e solidão. Seus resultados mostraram a presença de sofrimento psíquico neste público, na qual, 47% dos universitários afirma sentir sentimento de solidão, quase 60% apresenta sintomas depressivos, e mais de 70% com prevalência de ansiedade e estresse. Concomitante, Becke (2020) ressaltou a prevalência considerável de índices de depressão, ansiedade e estresses em acadêmicos de uma universidade pública no sul do Brasil, inclusive nos acadêmicos do primeiro ano – recém frequentadores do ensino superior.

Souza (2017) identificou que o suporte social poderia ser uma variável relevante de proteção para os sintomas avaliados, pontuando a importância desse suporte para formação de estratégias de promoção de saúde para esta população.

Além do suporte social, Torres (2019) – a partir de análises bibliográficas – indicou que os temas como saúde mental, vida acadêmica e relações familiares são mais comentados por diversos escritores; já a sexualidade, mudança de cidade e responsabilização pela vida adulta são temas menos abordados e que podem ser de grande importância aos jovens adultos. Também indaga a necessidade de preparação dos profissionais da psicologia, bem como a disseminação pela universidade sobre a temática, levantamento de dados acerca da saúde mental semestral, e planejamento de propostas de intervenções futuras a serem realizadas no âmbito educacional.

Viana (2016) propôs a construção de estratégias para prevenção e promoção de saúde mental nos universitários a partir de entrevistas com os próprios acadêmicos. O autor observou que fortalecer os vínculos internos e externos entre funcionários e estudantes da universidade, a informação constante sobre o adoecimento e a criação de uma rede de apoio que possa fortalecer e reconhecer indícios recorrentes, poderia favorecer a uma boa estratégia de promoção de saúde dentro do campus. Campos (2016), a partir de um estudo realizado através das documentações de atendimentos da psiquiatria a alunos de cursos de graduação, constatou que o índice de aprovação era notoriamente melhor que de grupos que não realizaram este tipo de intervenção, significando um efeito positivo do atendimento na prevenção da saúde mental e na prevenção do abandono escolar.

Ribeiro (2018) analisou o plantão psicológico de uma instituição de ensino superior, na qual apresenta como uma prática construída de forma coletiva e inserida no diálogo entre as políticas inclusivas na educação superior e na prática do psicólogo. No entanto, esse pronto acolhimento responde a necessidade de criação de intervenções que

proponham formas diferenciadas de apoio psicológico. De forma unânime representou um lugar importante de acolhimento e contribui com a construção de uma escuta institucional e com um olhar dialógico frente aos problemas acadêmicos.

A autora enfatiza que as diferentes teorias psicológicas que compreendem a subjetividade como interioridade do sujeito favorecem para um olhar fragmentado da vida acadêmica e pessoal. Nesse sentido as práticas que compreendem a subjetividade como produção social enfrentam um importante desafio para promover discussões que demonstrem outras formas de compreender a vida, sem a fragmentar.

Os demais estudos que falam sobre o tema de saúde mental nos universitários correspondem a pesquisas relacionadas ao uso e abuso de álcool e drogas, e tentativas de suicídio, na qual uma porcentagem significativa dos estudantes apresenta comportamentos de risco a saúde mental (FUNAI, 2019). Há também grande número de acadêmicos fazendo uso de psicofármacos, principalmente na população feminina (GIAJACOMO, 2020). Além disso, Pedro (2017) verificou que mais de 50% dos alunos de cursos de graduação em saúde apresentam distúrbios psíquicos menores como nervosismo, tensão e preocupação.

Segundo Nogueira e Siqueira (2017), a prevalência de adoecimento psíquico é significativamente maior no sexo feminino, além de que o nível socioeconômico influencia diretamente para a qualidade de saúde mental. Os acadêmicos com maiores níveis econômicos apresentam melhor índices em saúde mental. Há prevalência dos sintomas de depressão, o que para Flesch et al (2020); Leão et al (2018) podem estar relacionados à sexualidade, relações familiares, uso de substâncias psicoativas e desempenho acadêmico. O estudo de Lima 2019 demonstra que cerca de 10% de sintomas depressivos em estudantes da área da saúde. Para Jardim, Castro, Rodrigues (2020), mais de 50% dos universitários de seu estudo apresentaram sofrimento psíquico; prevalece a sintomatologia de ansiedade e estresse e que não necessariamente seja o ambiente educacional uma das variáveis do adoecimento, mas sim outros fatores pessoas e que devem ser discutidos na universidade.

Com algumas diferenças, o estudo de Veloso et al (2019) apresentou prevalência de ideação suicida em 22% dos homens solteiros e com vínculo empregatício. O uso de álcool, tabaco, histórico de *bullying* e não estar no curso de graduação desejado são variáveis que influenciam a ideação suicida. E quanto mais a prevalência dos sintomas menor é o rendimento escolar.

Para Sousa et al (2016), os universitários reconhecem a necessidade de compreender a doença psíquica através do paradigma biopsicossocial, porém, quando questionados sobre a doença, voltam a articular o discurso biomédico de que a doença mental deve ser encarada como uma condição biológica.

Pinho (2016) realizou uma pesquisa documental com 102 prontuários de usuários atendidos por um programa de atendimento psicológico no ano de 2011, considerando as variáveis: sexo, idade, curso e motivo de consulta. Constatou que a maioria dos usuários do serviço é do sexo feminino e da área da saúde; a faixa etária de maior número de atendimentos corresponde entre 21 a 25 anos; e as principais queixas são déficits de habilidades sociais, seguidas do transtorno depressivo e transtorno de ansiedade. Com esses dados, observa-se a necessidade desse tipo de programa para atendimento em saúde mental aos jovens, porém também deve ser considerado os fatores sociais e institucionais que favoreçam para a promoção de saúde.

Para Graner e Cerqueira (2019), pode-se concluir que as características da vida acadêmica estão frequentemente associadas à presença de sofrimento psíquico nos universitários. A discriminação social entre universitários, estruturas curriculares e pedagógicas dos cursos são aspectos profundamente pesquisados e que ressaltam a necessidade de novas políticas educacionais para o planejamento de intervenções, favorecendo o bem-estar dos alunos e vivências mais positivas no ambiente educacional, bem como prevalecer uma formação não só acadêmica, mas também social acerca da saúde mental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que os estudos a respeito do adoecimento psíquico em jovens universitários, em sua grande maioria, são articulados ao discurso de patologização dos sintomas. Nele, busca-se numa visão biológica com o uso de medicação para combater o adoecimento como algo inerente ao sujeito, sem considerar as questões sociais. Porém, aos pouco, deparamo-nos com novos paradigmas em saúde mental que consideram o modelo biopsicossocial, mas as discussões a respeito da complexidade das variáveis que implicam na psique são prematuras, uma vez que as mazelas do sistema político-econômico vigente responsabilizam apenas o sujeito do seu adoecimento.

Nesse sentido, percebe-se que os jovens acadêmicos possuem uma visão engessada numa leitura capitalista da busca de ser bem sucedido financeiramente e profissionalmente, porém o sistema anuncia suas dificuldades de manter as potencialidades dos sujeitos na busca de sucesso. E o sentimento de fracasso e frustração prevalece, na grande maioria dos casos.

Outra questão importante a ser considerada é que os sintomas de depressão, ansiedade e estresse são maiores no sexo feminino e em jovens de ambos os sexos que vivem com suas famílias. Bem como, ha falta de investimento, recursos, politicas internas tanto no ensino superior público como privado. Observa-se a necessidade de se repensar o campo universitário a respeito da saúde mental, implantando modelos de atendimentos para pessoas em crise psicológica, mas também propicionar um ambiente que gere promoção e prevenção em saúde mental.

REFERÊNCIAS

BENCKE, B. C. A formação profissional na Universidade Estadual do Oeste do Paraná: um olhar para a saúde do aluno. 2020. **Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Educação Matemática) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática**, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2020

BECKER, Kalinca Léia. O efeito da interação social entre os jovens nas decisões de consumo de álcool, cigarros e outras drogas ilícitas. **Estud. Econ.**, v. 47, n.1, 2017. doi: <https://doi.org/10.1590/0101-416147136klb>

CAMPOS, C. R. F. **Perfil sociodemográfico, clínico e acadêmico de estudantes universitários que passaram por atendimento psiquiátrico no serviço de assistência psicológica e psiquiátrica ao estudante na Universidade Estadual de Campinas (SAPPE-UNICAMP) entre 2004 e 2011**. Dissertação de Mestrado em Ciências Médicas a Universidade Estadual de Campinas, 2016.

CHAGAS, Julia Chamusca. Atuação da psicologia escolar frente à patologização e medicalização da educação superior. 2018. xv, 226 f. **Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde)** - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

FLESCHE, B. D.; HOUVÈSSOU, G. M.; MUNHOZ, T. N.; FASSA, A. G. Episódio depressivo maior entre universitários do sul do Brasil. *Revista de Saúde Pública*, v.54, n.11, 2020. doi: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2020054001540>

FREITAS, Rafael de Mesquita Ferreira. Uma multidão de pessoas só: narrativas de adoecimento e acolhimento na universidade, a partir de grupos terapêuticos. 2019. 136f. – **Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação Associado em**

Antropologia da Universidade Federal do Ceará; Universidade da Integração da Lusofonia Afrobrasileira, Fortaleza (CE); Redenção (CE), 2019.

FUNAI, A. Comportamentos de saúde, sofrimento mental e padrão de consumo de álcool entre estudantes universitários. 2019. 100 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2019.

GIANJACOMO, Telma Regina Fares. **Caracterização do consumo de medicamentos psicofármacos por estudantes de uma universidade pública.** Dissertação de Mestrado em Ciências Farmacêuticas, Universidade Estadual de Londrina, 2020.

GRANER, Karen Mendes e Cerqueira, Ana Teresa de Abreu Ramos. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**, v.24, n.4, 2019. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.09692017>>.

JARDIM, Marília Guimarães Leal, Castro, Tathyane Silva e Ferreira-Rodrigues, Carla Fernanda. Sintomatologia Depressiva, Estresse e Ansiedade em Universitários. **Psico-USF [online]**, v.25, n.4, 2020. doi:<<https://doi.org/10.1590/1413/82712020250405>>.

LEÃO, Andrea Mendes et al. Prevalência e Fatores Associados à Depressão e Ansiedade entre Estudantes Universitários da Área da Saúde de um Grande Centro Urbano do Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Médica [online]**, v.42, n.4, 2018. doi: <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v42n4RB20180092>.

LIMA, Sonia Oliveira et al. Prevalência da Depressão nos Acadêmicos da Área de Saúde. **Psicologia: Ciência e Profissão [online]**, v.39, 2019. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003187530>.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2010.

MORAIS, Camila Aquino; AMPARO, Deise Matos; FUKUDA, Cláudia Cristina; BRASIL, Katia Tarrouquella. Concepções de saúde e doença mental na perspectiva de jovens brasileiros. **Estudos em Psicologia (Natal)**, v.17, n.3, 2012. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300004>

NOGUEIRA, Maria José; BARROS, Luísa; SEQUEIRA, Carlos. A Saúde Mental em Estudantes do Ensino Superior: Relação com o gênero, nível socioeconômico e os comportamentos de saúde. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto, 2017. doi: <https://doi.org/10.19131/rpesm.0167>.

OMS. Jovens e saúde mental em um mundo em mudança: tema do Dia Mundial da Saúde Mental 2018, comemorado em 10/10. **Ministério da Saúde**, 2017. Disponível em: <https://bvsm.sau.gov.br/jovens-e-saude-mental-em-um-mundo-em-mudanca-tema-do-dia-mundial-da-saude-mental-2018-comemorado-em-10-10/> acesso em 30 jul 2021.

PEDRO, Cecília Mariane Pinheiro. **Distúrbios psíquicos menores em estudantes universitários da área da saúde.** Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação strictu sensu em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2017.

PINHO, R. Caracterização da clientela de um programa de atendimento psicológico a estudantes universitários. **Revista Psicología, Conocimiento y Sociedad**, v.6, n.1, 2016. Disponível em: Microsoft Word - 06_pag114-130_282_TO - APA.docx (scielo.edu.uy) acesso 11 ago 2021.

RIBEIRO, Patricia Moreira. **Análise de um serviço de pronto-atendimento por pares em contexto universitário.** Dissertação de Mestrado – Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná, 2018.

SOUSA, Patrícia Fonseca de et al. Atitudes e Representações em Saúde Mental: Um Estudo com Universitários. **Psico-USF [online]**, v.21, n.3, 2016. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-82712016210307>.

SOUZA, Deise Coelho de. **Condições emocionais de estudantes universitários: estresse, depressão, ansiedade, solidão e suporte social.** 2017. 90f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2017.

TORRES, Erika Teles Nunes. **O apoio psicológico ao estudante: estudo de caso em uma instituição de ensino superior privada no Piauí.** Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

VELOSO, Lorena Uchoa Portela et al. Ideação suicida em universitários da área da saúde: prevalência e fatores associados. **Revista Gaúcha de Enfermagem [online]**, v. 40, 2019. doi: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2019.20180144>

VIANA, Vanessa Silvestro. **Proposta de programa de atenção psicossocial para estudantes da universidade federal da integração latino-americana – UNILA.** Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-graduação em Saúde Mental e Atenção Psicossocial da Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.